

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6º e 7º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-220-8

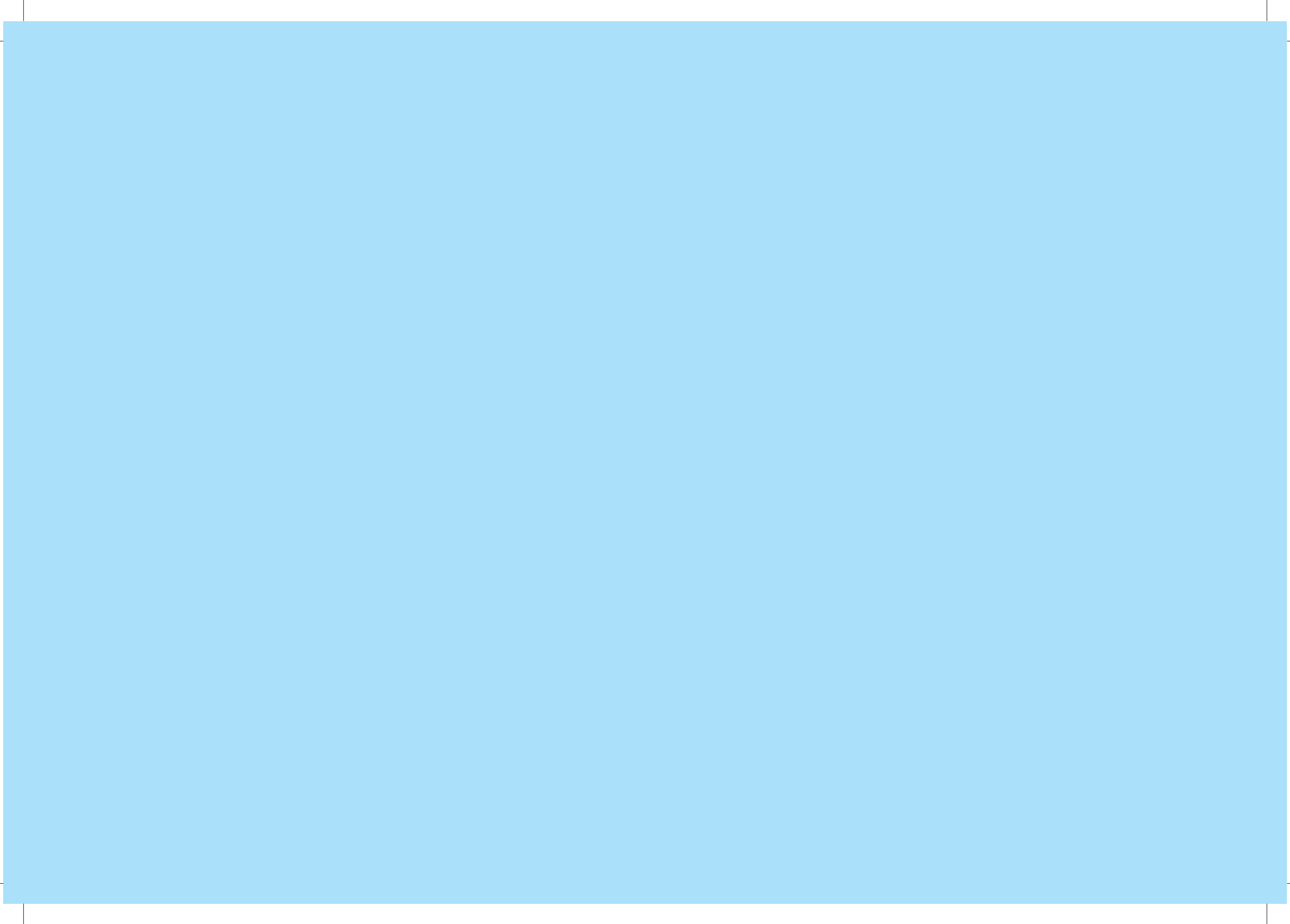


VENDA PROIBIDA

Liduína Vidal
Ilustrações Elane Oliveira

A Pajé, o Poty e os primos







Liduína Vidal
Ilustrações Elane Oliveira

A Pajé, o Poty e os primos



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*
Gilgleane Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*
Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Êlder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varele da Silva Gama

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V648p Vidal, Liduína.

A Pajé, o Poty e os primos / Liduína Vidal; ilustrações de Elane Oliveira. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

28p. il.

ISBN 978-85-8171-220-8

1. Literatura infantojuvenil. I. Oliveria, Elane. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

*Aos personagens deste conto que fazem parte da minha vida.
Aos povos indígenas do Ceará que, com suas histórias, me abrem
a memória afetiva, e me mostram a boniteza que é viver.*



Crateús, 29 de agosto de 2017.

Queridos filhos,

A viagem foi boa, chegamos perto de meia-noite. Dormimos na pousada e pela manhã fomos até a casa da bisavó de vocês.

Encontramos todos os pertences dela. Quando abri o baú, a emoção tomou conta de mim. Quantas lembranças boas!... O cheiro de infância invadiu a sala. Lembrei de uma aventura com os primos numa das inúmeras férias que passamos aqui.

Foi assim...

Todas as férias de julho nós vínhamos para cá. Era uma alegria quando chegávamos. Vó Chiqueza preparava tudo. Eram férias de aventuras e mistérios.

Como vocês sabem, vovó nasceu lá para as bandas do Ipu. Ela dizia que, quando menina, tomava banho na Bica do Ipu, aquela em que a índia Iracema também se refrescava. Por conta disso, em nossa imaginação de criança, ela era uma índia Tabajara, a pajé da nossa família.



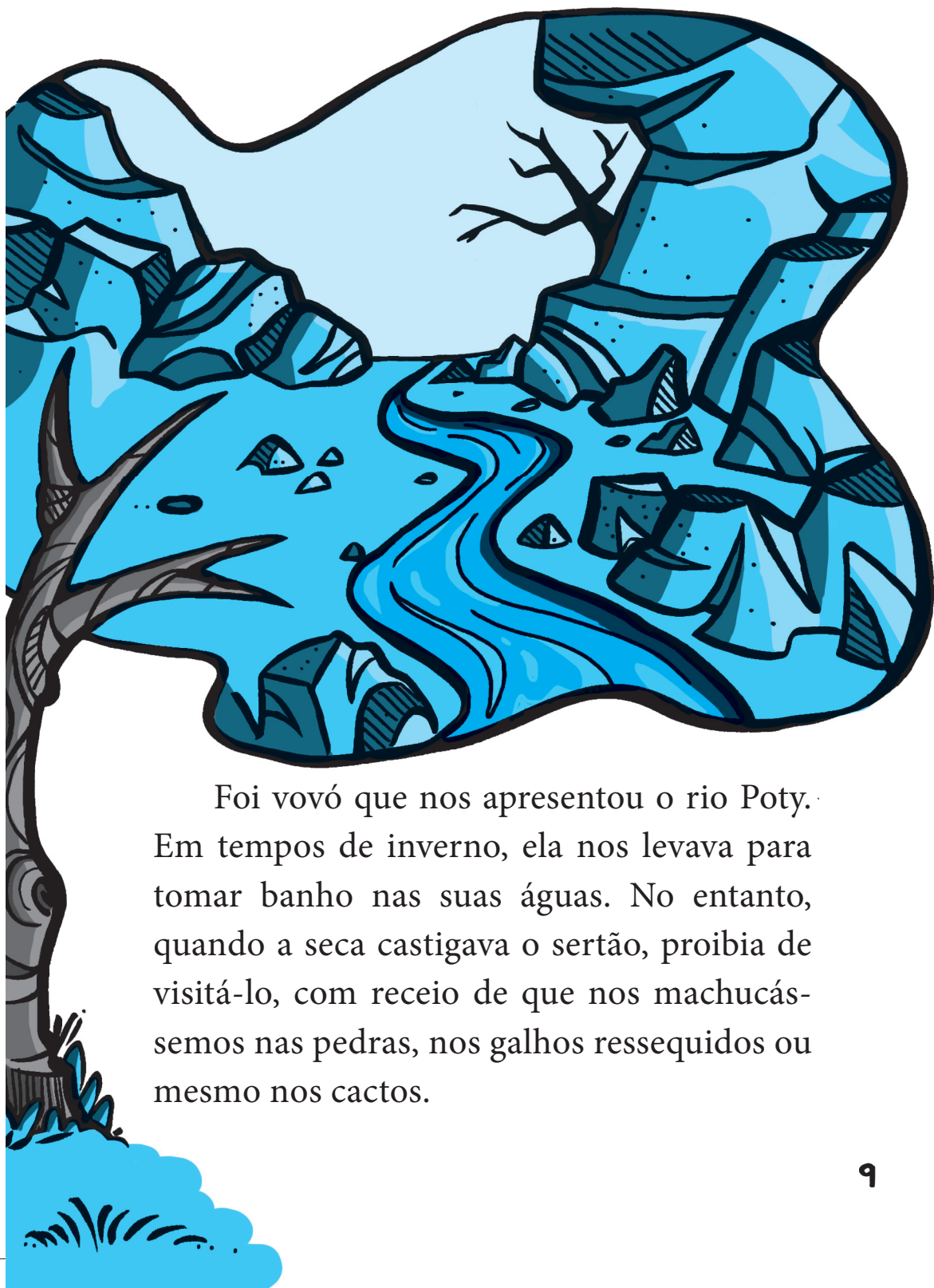


A bisavó de vocês, meus filhos, era uma mulher pequena. Sua pele era morena, seus olhos eram miúdos, e seu cabelo preto era longo e liso. Gostava muito de ler. Tinha vários livros sobre remédios feitos com raízes, cascas, folhas, galhos e flores. Cozinhava suas poções numa enorme panela de ferro que levava para o fogão à lenha. Tudo nela era mistério! Às vezes, pensávamos que ela era uma bruxa. Na despensa, ela guardava frascos de vidros de tamanho variados, nos quais colocava suas beberagens.



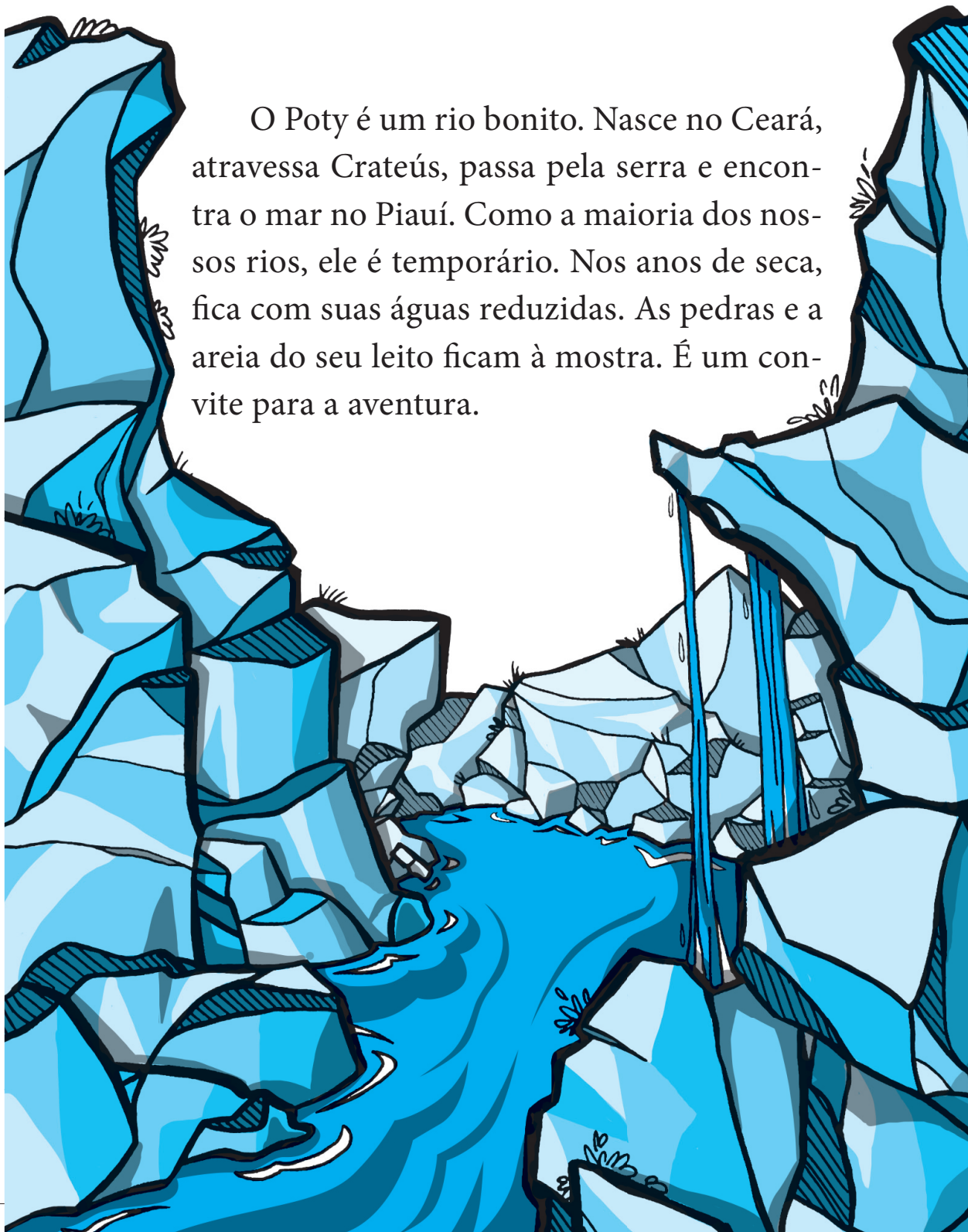
Sua bisavó, crianças, acordava o sol! Antes de amanhecer, já estava de pé, cuidando de canteiros de plantas medicinais onde recolhia as ervas para suas receitas. Quando não ia ao rio Poty, coletar, nas árvores que nasciam às margens, as ervas de que precisava para preparar seus remédios. Ela também fazia umas orações que curavam planta, bicho, gente. Por tudo isso acreditávamos – sabíamos – que ela era uma pajé.





Foi vovó que nos apresentou o rio Poty. Em tempos de inverno, ela nos levava para tomar banho nas suas águas. No entanto, quando a seca castigava o sertão, proibia de visitá-lo, com receio de que nos machucássemos nas pedras, nos galhos ressequidos ou mesmo nos cactos.

O Poty é um rio bonito. Nasce no Ceará, atravessa Crateús, passa pela serra e encontra o mar no Piauí. Como a maioria dos nossos rios, ele é temporário. Nos anos de seca, fica com suas águas reduzidas. As pedras e a areia do seu leito ficam à mostra. É um convite para a aventura.





Os primos, Elizabeth, Wilson e Doroteia, Ruth e eu, mesmo sabendo da proibição de irmos ao rio seco, combinamos uma excursão para encontrarmos a gruta da Iara. Tínhamos a certeza de que a Iara morava no Poty e bem perto da casa da nossa avó.

A noite estava morna, como são as noites em Crateús, os adultos conversavam na calçada e as crianças brincavam ao redor. Todos esperavam o Aracati, para refrescar as madrugadas. Enquanto os adultos conversavam, nós combinávamos tudo. Traçamos um plano, organizamos o material e até separamos frutas e água para nossa empreitada.





Escondemos tudo na varanda e fomos nos deitar. O sono não chegava, porque a ansiedade não queria ir embora. Depois de algum tempo, conseguimos dormir.

Quando o dia amanheceu, acordamos com as galinhas, para espanto da vovó, que não desconfiou de nada. Tomamos o café e saímos dizendo que nossa manhã seria toda de brincadeiras no quintal.

Pegamos nossos apetrechos, uma corda, algumas frutas, um cantil com água e o canivete do meu tio que o Wilson pegara “emprestado” e saímos eufóricos.

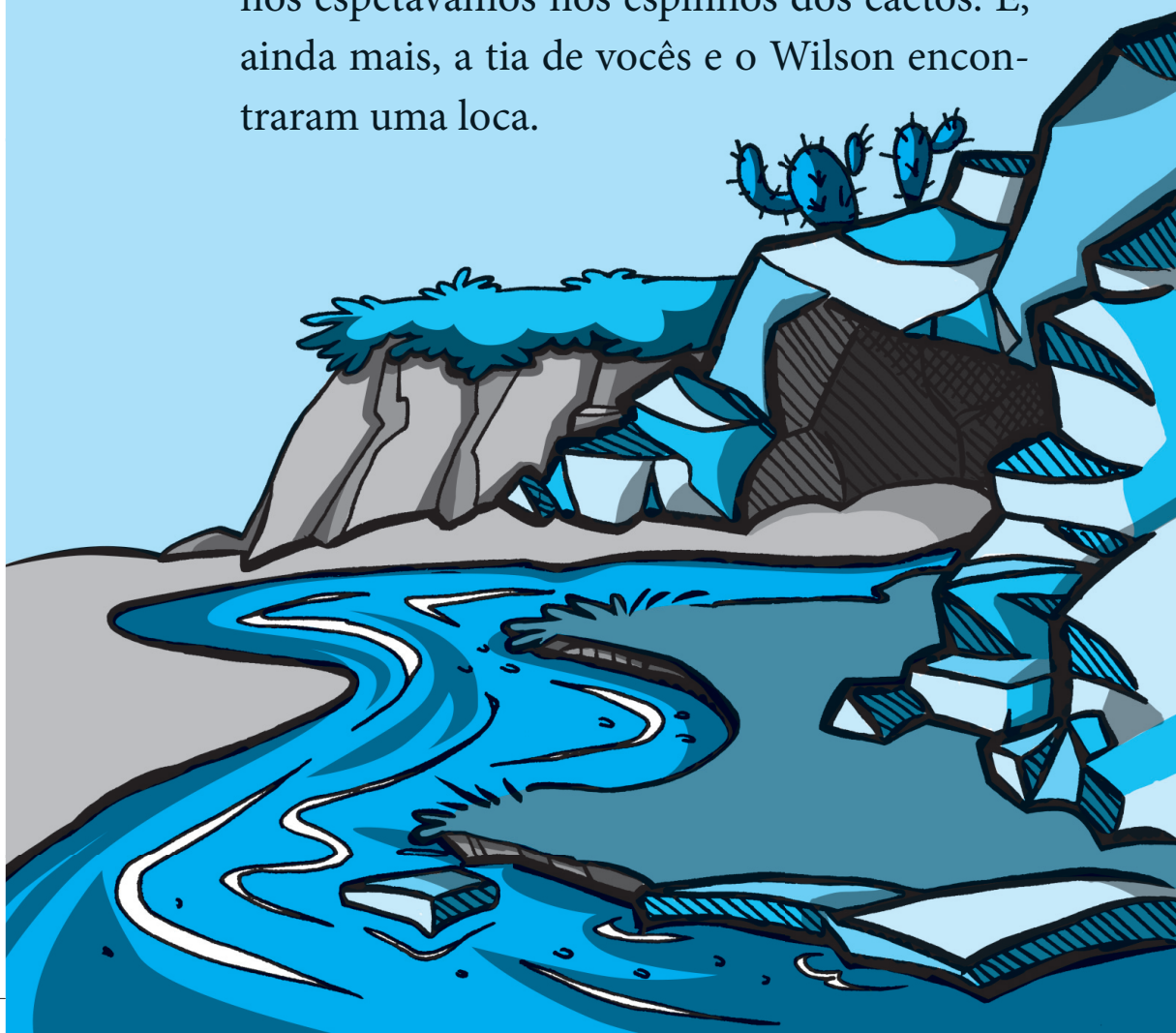


O rio Poty parecia nos chamar.

Atravessamos a velha ponte do trem, e descemos por um barranco. Wilson, apesar de ser um dos menores, ia à frente. Foi ele que amarrou a corda no marmeleiro para descermos até as pedras. Eu, a mais medrosa do grupo, desci por último e até pensei em desistir da aventura, porém os primos não deixaram.



Descemos, encontramos pedras enormes, outras pequeninas, algumas marcadas pela erosão da água e outras tão lisinhas que dava gosto deslizar por elas. Depois de subirmos e descermos, nos pendurávamos nos galhos retorcidos das árvores, sem folhas, e até mesmo nos espetávamos nos espinhos dos cactos. E, ainda mais, a tia de vocês e o Wilson encontraram uma loca.





Foi uma emoção. Nossos corações aceleraram. Parecia que tínhamos chegado à lua. Gritávamos, gargalhávamos de felicidade. A Elizabeth, por ser a mais velha da turma, ponderou que talvez aquela não fosse a gruta que procurávamos. Eu, medrosíssima, como era, falei que, com certeza, a Iara não estaria lá, porque o rio não tinha água. Queria mesmo é que todos desistissem e voltássemos para casa. Ninguém nos ouviu.

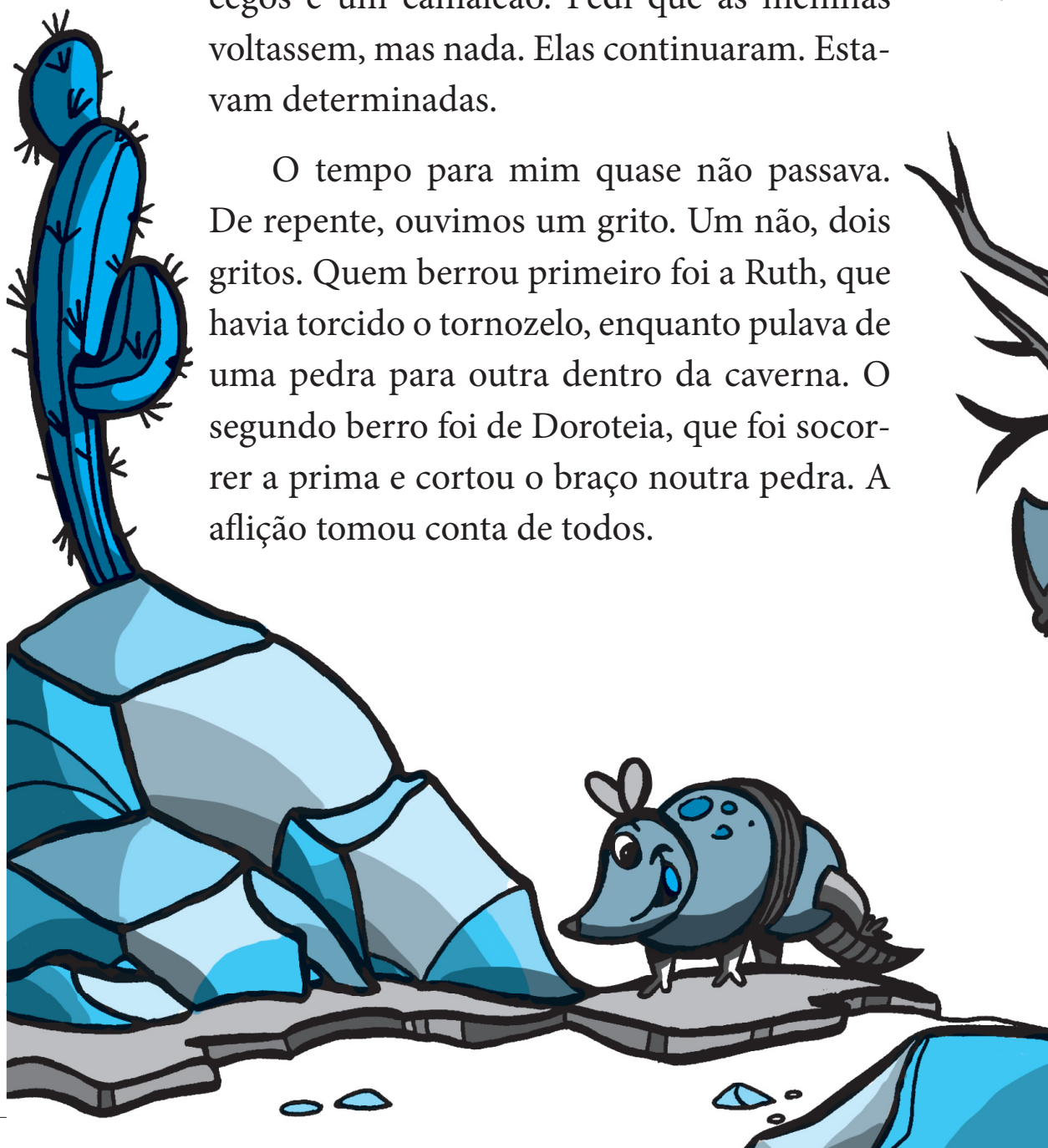
Doroteia, a mais vaidosa, disse que queria encontrar o pente da sereia. Então convidou a tia de vocês para descenderem até a caverna.

A Ruth, vocês sabem como é, sempre foi sapeca. Na época, era a menor e a mais franzina, de modo que conseguiria muito bem passar pelas fendas da gruta. Wilson garantiu que ajudava na descida das duas meninas. Protestei e disse que, como irmã mais velha da Ruth, não iria deixar, porque era muito perigoso. Meus protestos não valeram nada. Ruth e Doroteia desceram, o menino ajudou dando as dicas, enquanto Elizabeth olhava atenta. Eu, quase desmaiando de medo, sentei-me em uma pedra e fiquei paralisada, nem percebi uma cobra de cipó, enrolada num galho seco, que não se importava com a nossa aventura.



Da loca vimos sair um tatu, alguns morcegos e um camaleão. Pedi que as meninas voltassem, mas nada. Elas continuaram. Estavam determinadas.

O tempo para mim quase não passava. De repente, ouvimos um grito. Um não, dois gritos. Quem berrou primeiro foi a Ruth, que havia torcido o tornozelo, enquanto pulava de uma pedra para outra dentro da caverna. O segundo berro foi de Doroteia, que foi socorrer a prima e cortou o braço noutra pedra. A aflição tomou conta de todos.





Pensamos rapidamente e jogamos a corda para que as meninas saíssem da gruta. Wilson disse que ia chamar a nossa avó. Correu, como nunca tinha corrido antes e chegou a casa, que não ficava longe de onde estávamos. Enquanto isso, saímos devagar do leito do rio e nos protegemos do sol à sombra de um juazeiro.

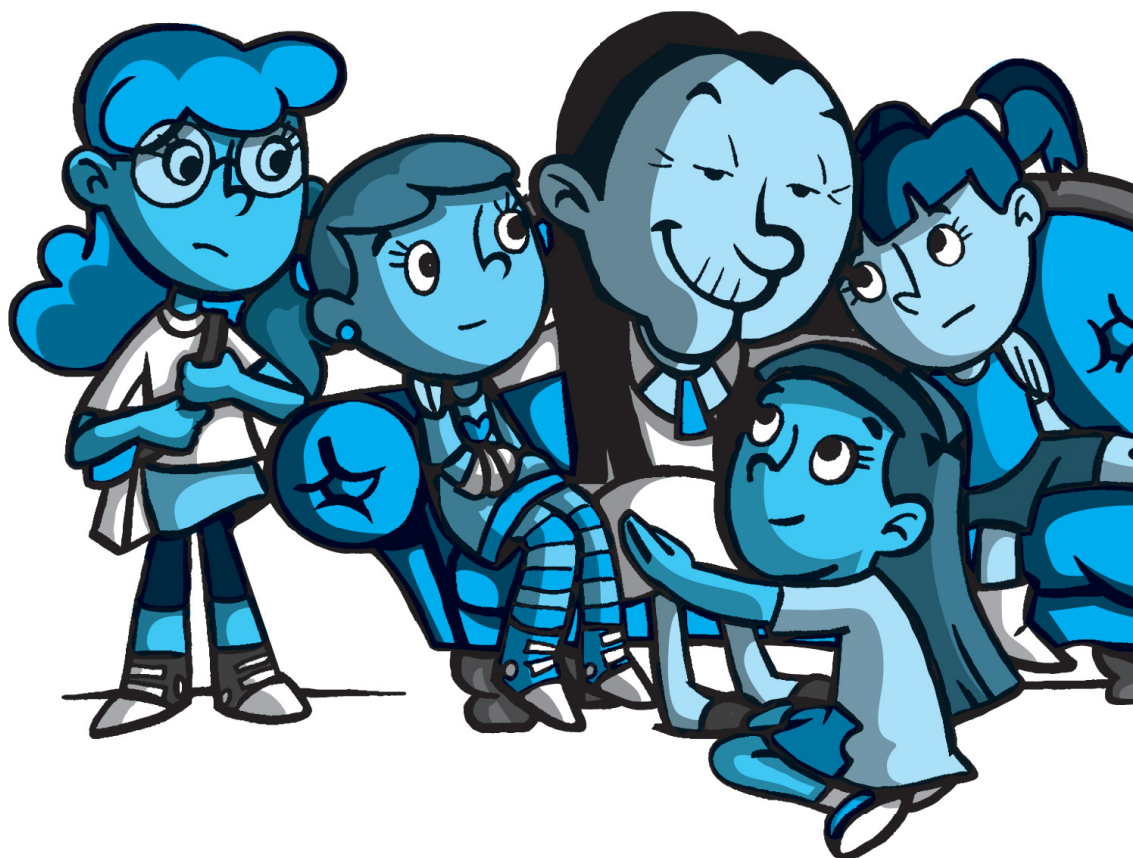


Algum tempo depois, chegaram Wilson e nossa avó-pajé. Veio trazendo uma quartinha e sua caixinha de remédios. Aqueles que ela mesma preparava. Não brigou, não ralhou conosco e foi cuidar das duas meninas. Pegou algumas folhas de malva, mastruz e corama, colocou no pé torcido da Ruth. O braço da Doroteia, esse ela molhou com uma mistura de arnica e aroeira. Deu-nos suco de maracujá, o que serviu para nos refrescar e acalmar do susto.

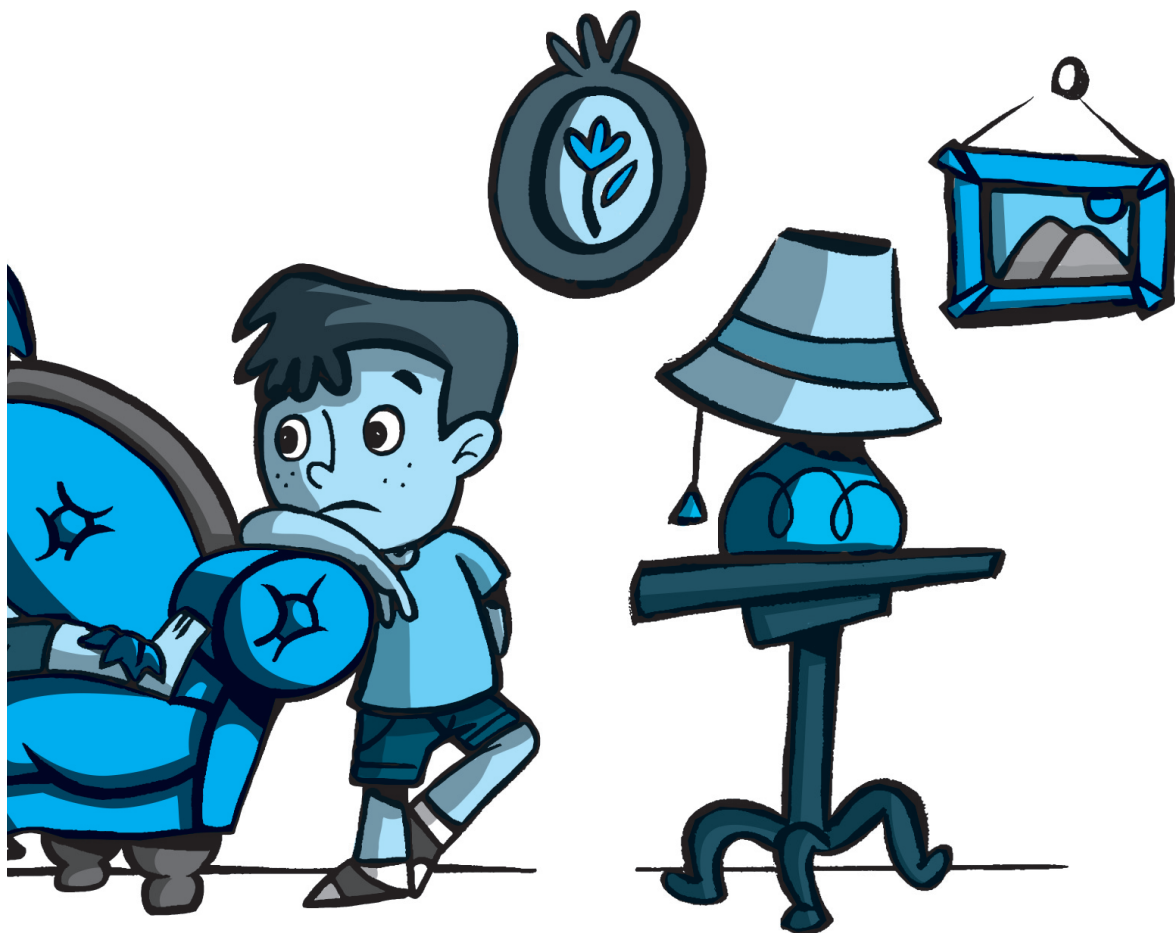




Voltamos para casa, nós cinco e nossa avó-pajé. Deixamos para trás o rio Poty, a gruta da Iara, seus bichos, plantas e encantos. Foi uma aventura que nunca esqueceremos.



Vovó, quando chegou a casa, conversou sério e falou que, da próxima vez, ela iria junto para cuidar dos nossos ferimentos, caso algum de nós nos machucássemos.



Aquela aventura acabou bem, porém nunca conseguimos saber se a gruta que encontramos era mesmo da Iara, e se por acaso fosse, onde ela deveria morar nos anos de seca? As férias desse ano chegaram ao fim. Vovó, todos os dias, cuidava das plantas, fazia suas poções e nos acolhia com muito carinho.





Realmente, meus filhos amados, nossa avó e bisavó de vocês era uma avó-pajé maravilhosa!

Agora vou terminando, decidi levar os pertences da vovó. Organizem, em casa um espaço especial para colocarmos o baú que vou levando. Dele ainda sairão muitas histórias.

Um abraço cheio de saudades de sua mamãe.



Liduina Vidal

Olá, sou Liduina Vidal de Almeida, nasci em Fortaleza. Sou mãe e avó. Na infância passava as férias em Crateús, eram momentos de alegria, aventuras e emoções. Cresci e me tornei professora. Na experiência com a formação de professores indígenas descobri minhas raízes, minha ancestralidade. “O Muro e o Jardim” foi meu o primeiro livro, ele faz parte da coleção Paic, Prosa e Poesia. Faço minhas as palavras de André Maurois quando diz: “A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde”.



Elane Oliveira

Desde criança criava, desenhava e confeccionava meus próprios livros. Inventava histórias sobre bichinhos e bailarinas, sempre alegres e coloridos. O tempo foi passando e nunca deixei de inventar histórias e personagens fantásticos, e por tanto gostar de desenhar, tornei isso minha profissão. Hoje sou Ilustradora e Designer Gráfico profissional, graduada e pós-graduada em Design Gráfico, com mais de 30 livros publicados. Se você deseja conhecer um pouco mais do meu trabalho, acesse: www.instagram.com/elaneoliveirart/.